

DASEINSPHAENOMEN EM PATERSON: EXISTÊNCIA E OS ESTARES DO SER NO COTIDIANO¹

Daseinsphaenomen in Paterson: existence and the be there of being in the daily life

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo²

RESUMO

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) formulou uma complexa arquitetura teórica e metodológica para sua analítica ontológico-fenomenológica ao longo de sua obra. Algumas das categorias desenvolvidas em textos como "Sein und Zeit", de (1927) e "Einführung in die Metaphysik" (1935) podem ser encontradas em estudos aplicados da ontologia fenomenológica heideggeriana, especialmente o Dasein que é o ser-aí humano, situado no, para e com o mundo. A partir de uma das variações do Dasein de Heidegger, chamado pelo próximo autor de *Daseinsphaenomen*, o fenômeno existencial, propõe-se no presente artigo uma análise do filme Paterson, lançado em 2016 com direção de Jim Jarmusch e Adam Driver no papel principal. A história de um motorista que visualiza, percebe, pensa e expressa, geo-poeticamente, o seu ser-no-mundo cotidiano como ser-aí é o foco tanto da narrativa como da análise aqui apresentada, por meio das categorias heideggerianas e demais conceituações da ontologia fenomenológica, referenciais do pensamento geográfico e Filosofia e os elementos geo-poéticos, imagéticos, discursivos do longa-metragem.

Palavras-chave: Ontologia. Fenomenologia. Espacialidade. Dasein.

ABSTRACT

The German philosopher Martin Heidegger (1889-1976) formulated a complex architecture throughout his work with an ontological-phenomenological theoretical and methodological analysis. Some of the categories developed in texts such as "Sein und Zeit", from 1927 and "Einführung in die Metaphysik" (1935) can be found in applied studies of Heidegger's phenomenological ontology, especially Dasein, which is the human being, located in, for and with the world. Based on one of the variations of Heidegger's Dasein, called by the next author of *Daseinsphaenomen*, the existential phenomenon, this article proposes an analysis of the movie Paterson, released in 2016 with the direction of Jim Jarmusch and Adam Driver in the main role. The story of a driver who visualizes, perceives, thinks and expresses, geo-poetically, his everyday being-in-the-world as being-there is the focus of both the narrative and the analysis presented here, through the Heideggerian categories and other concepts of phenomenological ontology, references of geographic thought and Philosophy and the geo-poetic, imagetic, discursive elements in the movie.

Keywords: Ontology. Phenomenology. Spatiality. Dasein.

¹ Dedico este texto à professora e geopoetisa Valéria Cristina Pereira da Silva, da Universidade Federal de Goiás-UFG.

² Universidade Católica de Brasília (UCB). Campus Taguatinga. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. gilvan.araujo@p.ucb.br.

✉ QS 07, Lote 01, Taguatinga Sul - Taguatinga, Brasília - DF, 71966-700.

INTRODUÇÃO

“Pero, dejemos señalado desde ya que la vida cotidiana describe circularidades más amplias, más accidentadas, más profundas que las del presente continuo y desértico de la rutina. Más amplias y más profundas que las que venimos de conocer en esta topografía.”

Giannini, 1999, p. 47.

Há um desafio em propor uma aplicação analítica da ontologia fenomenológica, especialmente se tratando de sua diversidade de visões, correntes e dissidências epistemológicas, em pontos possíveis com debates geográficos ou espaciais (ALMEIDA, 2020; MARANDOLA JR., 2012; 2013; SERPA, 2016; SILVA, 1986). Conceitos como Dasein, consciência transcendental, atos intencionais (perceptivos, cognitivos, memoriais etc), facticidade, fenomenicidade etc. são comumente utilizados pelos filósofos que formam o referencial da fenomenologia no pensamento geográfico, especialmente, como, por exemplo, Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Gaston Bachelard (1884-1962) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) bem como os trabalhos de discípulos ou comentadores das obras destes autores.

A partir da premissa deste desafio metodológico da fenomenologia é que o presente estudo propõe-se a um exercício analítico-existencial do filme Paterson, de 2016, dirigido por Jim Jarmusch e estrelado por Adam Driver. A história do filme permite a inserção teórica e metodológica de algumas das principais categorias fenomenológicas, especialmente o Dasein heideggeriano, que é o ser situado no ente humano. Driver interpreta um motorista que vive na cidade Paterson, homônima, portanto, ao protagonista, ao longo do intervalo de alguns dias acompanhamos a rotina e cotidiano do personagem principal pelas

ruas e lugares da cidade. Neste cotidiano há intervalos em que Paterson escreve versos a partir da inspiração em fatos, situações, vivências, emoções e vivências cotidianas. A geo-poesia de Paterson o define como Dasein e nos permite refletir sobre algumas das conceituações fenomenológicas, principalmente heideggerianas. Em acréscimo a esta composição narrativa, imagética e discursiva de abertura à uma ontologia fenomenológica há em Paterson elementos tanto da Geografia fenomenológico-existencial como, também, a maneira como a arte e linguagem são tão presentes como fundamentais para a expressão do ser dos entes pelo ente humano, o Dasein, neste caso, representado pelo próprio personagem principal do filme.

A proposta de desenvolvimento do artigo desta forma se divide em três momentos complementares. Há o início por meio de uma reflexão de cunho mais teórico e epistemológico, intitulada **Daseinsphaenomen: estares do ser-no-mundo**, na qual as categorias fenomenológicas são apresentadas e relacionadas à obra de Jim Jarmusch. No segundo momento há o tópico **Cotidiano, facticidade e a epifania pela arte poética** em que são trabalhadas as especificidades da inserção temática do filme Paterson na reflexão ôntico-ontológica da fenomenologia heideggeriana do *Daseinsphaenomen*, especialmente no que tange ao papel do cotidiano e facticidade como fontes de inspiração ao ato criativo geo-arte-poético-literário do personagem título do longa-metragem. Por fim, na terceira parte do artigo há o fechamento das reflexões efetuadas pelos **Percursos geopoéticos do dasein em clausura e abertura do si** em que são analisadas algumas das composições literárias de Paterson ao longo do filme por meio das conceituações e categorias anteriormente trabalhadas.

Diferentes autores das áreas de estudo literário, filosófico e geográfico fazem parte da composição teórica e analítica deste artigo, escritos e referências como Michel Collot (2011; 2013), Liliana Laganá

(2018), Livia de Oliveira (2013), Ida Alves (2018), Jean-Marc Besse (2006), Jeff Malpas (2012), Eduardo Marandola Jr. (2013), Armando Corrêa da Silva (1986; 2000) Maurice Blanchot (2011), Ernildo Stein (2001; 2014), Valéria Silva (2020), Evaldo Coutinho (1976; 1987), Júlio César Suzuki (2017), Yu-Fu-Tuan (1980; 1983) dentre outros. Espera-se com este artigo contribuir para uma perspectiva aplicada da ontologia fenomenológica, especialmente em expressões linguístico-artísticas, com especial e principal foco, neste caso, em obras que co-relacionem a espacialidade do ser situado como possibilidade de visualização, vivência e experiência dos estares do ser-no-mundo.

DASEINSPHAENOMEN: ESTARES DO SER-NO-MUNDO

Os poemas que o personagem título do filme Paterson escreve e declama foram elaborados por Ron Padgett, a pedido do diretor Jim Jarmusch. Em outras de suas obras, Padgett utiliza como um dos seus principais traços e estilo a utilização de referenciais cotidianos para sua poesia, tal como ocorreu no filme de 2016. Elementos como a epifania de objetivos, o silêncio criativo, a alteridade intersubjetiva em relações fraternais e amorosas bem como a atenção e intenção retidas fazem parte de muito dos seus versos (PADGETT, 2018).

A partir destes traços da poética de Padgett (2018) é possível alinharmos a abertura analítica do filme Paterson com alguns dos pilares teóricos e categorias da ontologia fenomenológica, especialmente no que se refere ao acompanhamento que efetuamos, ao longo do filme, com a consciência, corpo, vivências e experiências de vida de Paterson. A consciência é um fluxo, um continuum de atos intencionais em profusão de imensurável detecção em sua totalidade, como afirma Husserl (2008; 2020).

No que pese a diferenciação e fronteira fundamental da consciência transcendental husserliana e ser-aí de Heidegger (2008; 2009; 2013;

2015), é fato que a intencionalidade do vivido intencional possui sua continuidade na configuração da consciência de um estatuto transcendental a partir das reduções fenomenológicas em Husserl para uma conformação voltada a uma ontologia fenomenológica como metafísica da finitude em Heidegger, ponto este de maior diferenciação das propostas fenomenológicas entre mestre e aprendiz (ASTRADA, 1942; 1949; STEIN, 2001; 2014; COUTINHO, 1976; 1987).

As regiões ontológicas outrora trabalhadas por Husserl como ponte noético-noemático da consciência rumo ao seu alcance transcendental são aplicadas por Heidegger de uma perspectiva diferente de seu mestre. Como explicado amplamente em seu **Ser e Tempo** de 1927 há uma visualização da existência no preceder e fundamento da essência, explicitado por Heidegger por meio do termo *Dasein*, expressão germânico que é a junção das partes Da (aí) e Sein (ser) = aí-ser, traduzido como ser-aí e, eventualmente como presença ou existência. Este fenômeno da existência (*Daseinsphaenomen*) como os estares do ser-no-mundo que habita ainda possuirá a abertura ao (in)finito e transcendental, como outrora trabalhara Husserl em sua fundação da fenomenologia, mas, há uma diferença crucial na proposta heideggeriana: a premissa finita de uma metafísica da existência como o devir do próprio Ser em meio aos demais entes da mundaneidade, ou seja, a existência, como *Dasein*, seria abertura do Ser por um ente diferencial que é o ser-aí humano:

A afirmação de que o ser-aí “se” dá a entender a partir de “seu” mundo significa, então, o seguinte: neste vir-ao-encontro-de si a partir do mundo, o ser-aí se temporaliza como um si mesmo, isto é, com um ente que foi entregue a si mesmo para ser. (HEIDEGGER, 2009, p. 169).

Este ponto de partida da existência mencionado por Heidegger vai ao encontro ao que Coutinho (1976) chamará de ponto intestemunhável,

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano
 Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

ou seja, a fonte máxima do pensamento, emoções, criatividade, linguagem e, especialmente, a condição especial do ente humano frente ao mundo que o rodeia e habita: “O ponto intestemunhável, absoluto em seu fim, deixará cair em todas as exposições, as realizadas e as presumidas, a obscuridade que de mim se entorna infinitamente” (COUTINHO, 1976, p. 79).

A relação entre o ponto intestemunhável e o Dasein de Heidegger torna-se não apenas possível como, também, analítica e ontologicamente aplicável a uma toponálise do corpo-consciência em relação ao seu mundo circundante. Em Paterson, temos o protagonista homônimo do filme como a representação deste ponto inicial e de emanação de todas as camadas de sentido de si próprio, do mundo que habita e na relação com os outros que estabelece algum tipo de vínculo em suas percepções, pensamentos e experiências.

Cada momento intencional da consciência é passível de se ater a um mergulho atencional envolvendo a própria consciência, o corpo, emoções, vivências, sensações e muitas outras reações diretas e reflexivas da existência perante o mundo que habita, tal como reflete, por exemplo, Gaston Bachelard (2008) sobre esta condição especial e diferencial do ente humano, como corpo-consciência intencional para a e com o mundo.

Em perspectivas diferentes há encontros epistemológicos possíveis, que se complementam, seja a consciência transcendental husserliana, o ser-aí heideggeriano, o ponto intestemunhável de Coutinho e a ser lançado no mundo de Bachelard, em todos estes casos na consciência como consciência de algo, intencionalmente para si mesma, os outros entes existenciais e o mundo. A premissa mundana, imanente, fática e vivida emerge como uma continuidade em todas as colocações seja em uma inclinação categorial mais próxima do ser-aí ou da consciência

transcendental em seu mundo da vida (*Lebenswelt*), tal como reflete Collot (2013, p. 30), a partir da paisagem como síntese dessa inerência do mundo para e com o ente humano:

A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre ao fora. Ela dá argumentos para uma redefinição da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação.

A consciência de alguma coisa perpassa as diferentes correntes fenomenológicas, que é o estado de entre-coisas do ser-aí e consciência, de si mesmo e o mundo, como inerência da vida com o espaço habitado: “A análise da *Lebenswelt* fez com que Husserl radicalizasse a ideia de uma correlação entre o sujeito e o mundo” (COLLOT, 2013, p. 30). Este ser que é para e com o mundo é que autores como Pádua (2005), Malpas (2008; 2012), Canário (2005), Casey (1997), Holzer (2010), Silva (2000) e Marandola Jr. (2012) chamarão de topologia do ser em Heidegger.

Em outras palavras há na espacialidade o pilar de como, porquê e a imensurável possibilidade de ser-em do ser-aí, no mundo, ao passo que, se voltarmos à ponte entre o exercício geoarteanalítico de Paterson com a analítica existencial ôntico-ontológica de Heidegger, observamos um vínculo possível tanto temático como de elementos da existência pela espacialidade como fonte do sentido ao Dasein: “O Dasein projeta enquanto compreensão seu Ser de possibilidades. Através do seu próprio revés, esse ser para possibilidades compreendente é ele mesmo, enquanto aberto no Dasein, um poder-ser” (HEIDEGGER, 1969, p. 148).

Há, desta maneira, tanto o projetar-se no mundo como a ligação do ser-aí de forma inerente a este mundo, nos estares do ser situado, como topologia do ser, em suas vivências, emoções, pensamentos e experiências, já que:

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

O projetar da compreensão tem a possibilidade própria de formar-se. Nós nomeamos interpretação (Auslegung) a formação da compreensão. Nela, a compreensão se apropria (eignet) do seu compreendente compreendido (HEIDEGGER, 1969, p. 148).

Portanto, o Dasein é inacabamento, fundação e (des)continuidade do mundo pelo ser-aí humano. Muitas vezes não percebemos ou atentamos para essa abertura que possuímos pelo e para o mundo, por meio da facticidade, em cada detalhe das vivências cotidianas. Um olhar, lembrança, sensação, emoção passageira, a cor que fica como traço memorial ou o diálogo que ficou marcado como fundamental para uma ação ou decisão. Ser-no-mundo como ser-em é cumprir o propósito de buscar o próprio sentido de si e do mundo:

O **projeto de mundo**, certamente – o que aqui não pode ser mostrado –, a prévia compreensão do ser do ente, mas ele mesmo não é nenhuma referência do ser-aí ao **ente**. Do mesmo modo, a **absorção** que faz com que o ser-aí se encontre disposto em meio ao ente (e, na verdade, nunca sem desvelamento do mundo), que faz com que ele seja transpassado de maneira afinada pelo ente, não é nenhum **comportamento** em relação ao ente. Mas **ambos** são – na sua unidade que caracterizamos – a possibilitação transcendental da intencionalidade; e, em verdade, de tal maneira que, como modos de fundar, temporalizam juntamente com eles um terceiro modo: o **fundar como fundamentar**. Nesse, a transcendência do ser-aí assume a possibilitação do tornar o ente em si mesmo manifesto, a possibilidade da verdade ôntica (HEIDEGGER, 2009, p. 181, destaques no original).

Nesta obra, “Marcas do Caminho”, que é um compilado de textos de Heidegger (2009) em sua fase pós Ser e Tempo, encontramos diferentes referências diretas e indiretas ao Dasein como a geografia do existir-no-mundo. A existência como ser-no-mundo fica evidente nas diferentes passagens cotidianas de Paterson, em seu viver, caminhar, experienciar e compartilhamentos de seu cotidiano

há, o ser-em que é o ser situado, no mundo, seu mundo, fundado pelo Dasein que compõe a condição do fenômeno existencial.

O inacabamento da (in)finalidade da existência tanto se mescla como (in)define o próprio mundo, pelo ser-aí como ser situado e em devir irrefutável do Dasein:

A mente humana é autoconsciência do Ser, e, firmando o posicionamento da plateia, cabe-me proclamar que sou a encantatória consciente do Ser, pois que falo de mim, numa sucessão de conhecimentos que nasce e há-de perecer comigo (COUTINHO, 1987, p. XVI).

A imanência da consciência e corpo, em meio ao mundo, fará com que o projeto da existência se torne possível e impossível, ao mesmo tempo, em sua imensurabilidade de sentido de si mesma, do mundo ou o ente-outro:

Na minha imanente finitude se inscreve a universalidade do perdimento, frase esta que eu empregaria como a do cartaz para o anúncio do incomensurável drama; o qual, constituindo-se no mais genérico, no círculo de maior diâmetro, contém dentro de si e em concomitância, as peças outras com as correspondentes nomações (COUTINHO, 1987, p. XVI).

O pensamento de Coutinho (1987) acompanha a topologia do ser, ou o ser situado do Dasein heideggeriano, na medida em que corrobora com o fato do mundo vivido, a totalidade ao redor perpassa o devir existencial em seu habitar o mundo, singularizando-se como existência e, também, gerando as geograficidades como existir-no-mundo, pensado por Dardel (2011) e abordado por Marandola Jr. (2012, p. 86) quando afirma:

A existência é fundada num habitar, e este marca, demarca e transforma o espaço. Muitas formas de habitar só se

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano
 Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

desenvolvem em certa duração, implicando conhecimento, vivência e um envolvimento com a comunidade, a cultura local e o estabelecimento de territorialidades.

A espacialidade do inacabamento da existência na imanência e transcendência da facticidade acabam por ser um foco a mais a partir do qual o autor irá se debruçar, de forma aplicada, às exemplificações possíveis e passíveis de efetuação ou demonstração de sua topologia do ser como escrita e leitura do ser-aí como ser-no-mundo:

O ser-aí humano – um ente disposto em meio ao ente, comportando-se em relação ao ente – existe de mais a mais de tal maneira, que o ente sempre se acha manifesto na totalidade. A totalidade não precisa ser propriamente concebida aí, seu “pertencimento” ao ser- aí pode estar velado, a amplitude deste todo é mutável. A totalidade é compreendida, sem que o todo do ente manifesto também tenha sido captado expressamente ou mesmo “exaustivamente” investigado em suas conexões específicas, regiões e estratos. A compreensão dessa totalidade, que é sempre antecipadora e abarcadora, é, porém, ultrapassagem em direção ao mundo (HEIDEGGER, 2009, p. 169).

A situação como *Daseinsphaenomen* e a topologia do ser fundem-se pela abertura ao além-ente, o ultrapassar do Dasein como existência, singularidade e devir no e pelo espaço: “A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 2011, p. 14). Se o Da apartar-se do Sein então o sentido do vínculo imanente-transcendente que define o sendo do ser-aí esvanece-se em seu próprio sentido, que é dizer o Ser, reter a experiência do existir e ser-no-mundo no lugar como lugar de todos os lugares, como diria Coutinho (1976) para não “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”,

de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 14). O ser-aí como ente privilegiado é a presença do próprio Ser em cada ínfimo recorte fático do mundo:

A presença não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ela se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser da presença a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que a presença se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio desde ente que seu ser lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença. O privilégio ôntico que distingue a presença está em ela ser ontológica (HEIDEGGER, 2008, p. 48).

O mundo se mostra e oculta pelo e com o Dasein. Esta é a condição diferencial do ente ser humano que o permite pensar, habitar, emocionar-se, imaginar e significar o mundo, como ser-no-mundo no seu estado ôntico-ontológico de ser-aí:

O Conhecimento que o *Da-sein* tem do mundo não é como um “comércio”, uma relação entre dois; é antes uma identificação reveladora, em que o mundo aparece ao **Ser-aí** em sua enigmática manifestação, que é revelar ocultando-se (GMEINER, 1998, p. 45, destaques no original).

Portanto, o Dasein funda o mundo e, ao mesmo tempo, realiza a (in)finitude de significações possíveis de sua própria existência, como ser-no-mundo.

A ausência presente do estado de nadidade de Paterson é sentida ao longo de todo o filme, e os preenchimentos das significações do si, outro e mundo se dá tanto por seu contato e vivência na cidade que habita como seus versos, o cotidiano o nutre e esvazia, existencialmente,

em cada novo pequeno momento do seu devir existencial diário. Existência, lugar, linguagem e sentidos se unem na composição geo-poética, fílmica, imagética e literária no longa-metragem, como ilustrações ao Dasein e sua condição especial de ser situado como ser-no-mundo, fundando-o e significando-o externa e intencionalmente por meio de sua intencionalidade e estares do ser como consciência e corporeidade, pela sua linguagem poética: “A paisagem é o lugar de uma troca em duplo sentido entre o eu que se objetiva e o mundo que se interioriza” (COLLOT, 2013, p. 89).

A partir destas breves conceituações é possível agora ir ao próximo passo desta análise do filme Paterson. E, antes do próximo tópico de estabelecimento de algumas pontes possíveis entre o cotidiano, a facticidade e a geoarteliteratura alguns pontos sobre o filme vão ao encontro da ideia de *daseinsphaenomen* de Heidegger (2008). O primeiro sinal desta conexão se dá de forma mais explícita no homônimo do personagem principal do filme com a cidade que habita, ou seja uma relação direta, umbilical e tanto imanente como existencial do mundo, potencializado tanto pela narrativa como o recurso visual-imagético do longa-metragem.

Outra característica que possibilita a abertura teórico-metodológica e analítica de uma ontologia fenomenológica em Paterson se dá por acompanharmos tanto o fluxo de consciência como o movimento do corpo, emoções, pensamentos e sensações de Paterson em seu dia a dia como motorista de ônibus na cidade que vive. Os atos intencionais do seu cotidiano nos possibilitam como sua consciência como Dasein na ilustração narrativa do filme configura as relações ôntico-ontológica do seu espaço-ao-redor e devir existencial em diferentes atos intencionais e, algumas vezes, atencionais.

Por fim, nesse ínterim de apresentação e contemplação do cotidiano de Paterson há elementos da tríplice inquirição ontológico-

fenomenológica da existência em relação a si mesmo, o mundo e o outro. Nos dois últimos casos sendo representados tanto pela comunidade da cidade que o personagem interage, dialoga e divide sua existência como, também, sua esposa, Laura, que muitas vezes transparece pelas reações e emoções de Paterson, como o personagem principal possui dificuldades em conectar-se, como Dasein, ao ente-outro-Dasein que também explora sua pulsão e pulsação geo e homo poética pela arte.

COTIDIANO, FACTICIDADE E A EPIFANIA PELA ARTE POÉTICA

Paterson é um motorista de ônibus que vive intensamente o seu estado de existência como Dasein. Em cada mirada pela janela, pensamento, onirização ou percepção de sua cidade, habitantes, paisagens há uma remissão tanto ôntica como, de forma inerente, ontológica do seu ser-no-mundo, naquele mundo que habita e se geografiza. Dardel (2011) explora a fundo a conexão entre o ser-humano – neste caso não diretamente nomeado pelo autor como o Dasein heideggeriano – como a abertura, pela linguagem à uma expressão e apreensão da poesia da textualidade do espaço: “Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta” (DARDEL, 2011, p. 3).

A grafia da existência se mescla à própria grafia da palavra que diz, vive e habita o mundo em singularizações do ser-aí como ser-no-mundo, por meio de uma “Linguagem direta, transparente, que ‘fala’ sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso ‘objetivo’ do erudito, porque ela transcreve fielmente o ‘texto’ traçado o solo” (DARDEL, 2011, p. 3).

Da textualidade do espaço vivido à espacialidade do texto escrito, falado ou poetizado, habitar o mundo em significação é ultrapassá-lo pelo limiar entre o ôntico e o ontológico, privilégio, ora como dádiva ora como fardo, do Dasein: “A transcendência, contudo, é a ultrapassagem que possibilita algo tal como existência em geral e, por conseguinte, também um movimentar-se-‘se’-no-espaço” (HEIDEGGER, 2009, p. 149). Reitera-se, neste caso, como o desenvolvimento do filme vai ao encontro do que formulam Heidegger e Dardel, no sentido de expressar pela linguagem o sentido do mundo ao habitá-lo: “Se se escolhe para o ente que nós mesmos somos a cada vez e que compreendemos como ‘ser-aí’ a expressão ‘sujeito’, então a transcendência designa a essência do sujeito, ela é a estrutura básica da subjetividade” (HEIDEGGER, 2009, p. 149).

Pelo ser-aí o mundo ultrapasse-se a si mesmo em significação e essência, porque o fático de cada ente se torna ontológico a cada vivência e experiência do ser que é no, para e com o mundo que habita:

A proposição: o ser-aí fático é em um mundo (ocorre entre outros entes) se revela como uma tautologia que nada diz. A enunciação: faz parte da essência do ser-aí o fato de estar no mundo (de também ocorrer “ao lado” de outros entes) se mostra como falsa. (HEIDEGGER, 2009, p. 153).

O ser-aí porta e tanto com-porta como trans-borda a essência do mundo pela sua própria existência: “A tese: da essência do ser-aí como tal faz parte o ser-no-mundo, contém o **problema** da transcendência” (HEIDEGGER, 2009, p. 153, destaques no original).

Para que consigamos tanto afirmar como percorrer analiticamente o filme Paterson pela obra de Heidegger é preciso que façamos o mergulho na seara do cotidiano. Novamente é preciso que se reafirma diferença entre a consciência transcendental do projeto

fenomenológico, como método, de Husserl e a analítica existencial como metafísica da finitude em Heidegger. Este cotidiano fundado, habitado e que perfaz o ser-aí é ponto central da topologia do ser em Paterson, como a geograficidade do devir de sua existência na cidade homônima. Heidegger (2008, p. 100) irá desenvolver esta imersão do ser do ente pelo Dasein por meio de uma das variações do seu ser-aí, chamado pelo autor de ser-em:

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição de ser da presença e é um existencial. Com ele, portanto, não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) “dentro” de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; “em” deriva-se de innan-, morar, habitar, deter-se; “an” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de colo, no sentido de habito e diligo. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.

A importância da facticidade pelo cotidiano em Heidegger se conectará à geograficidade e geoarteliterária pelo seu projeto da fenomenológico e ontológico como metafísica da finitude defendida por Seinte (2001; 2014) e Astrada (1942; 1949) e que se conecta diretamente às formulações geográficas sobre o ser-no-mundo, em sua abertura transcendente em meio aos lugares e paisagens da dimensão ôntica da diferença ontológica, permitida, vivida e inerente ao Dasein (FRANCK, 1986; CASEY, 1997; CAUQUELIN, 2007;

BESSE, 2006; MARANDOLA JR., 2012; MIRANDA; CHAVEIRO, 2018; OLIVEIRA, 2013; ARAÚJO, 2015; 2020a; 2020b). O Dasein como ser-aí e suas variações é a abertura do imanente ao transcendente, como identidade, diferença, transformação, devir e inacabamento do corpo-consciência em sua existência no/para/com o mundo como denomina Relph (1976) em sua ideia de lugaridade, ou seja, a singularidade do lugar como ser-aí em seu ser-no-mundo, os estares da existência no espaço habitado

A facticidade do mundo vivido, como singularidade do ser-aí-no-mundo repousa, deste modo, como condição e atravessamento da existência para si própria e a mundaneidade que habita e significa como experiência do seu devir existencial (BUTTNER; SEAMON, 1980). As significações do ser-aí como ser-no-mundo perpassará por todo ato intencional de significação, a partir da espacialidade e temporalidade do existir-no-mundo: “A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um ‘exterior’, mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. É lá que ele se realiza e se conhece” (DARDEL, 2011, p. 49).

O que Jim Jarmusch apresenta no filme Paterson é um estudo de personagem e do lugar, pelas paisagens da cidade homônima ao personagem-título. Paterson é o Dasein que nos guia em sua significação ou nadificação do mundo que habita, em linguagem poética e, também, seu silêncio criativo cotidiano, como ser-aí, Paterson é o mediador de sua própria existência no e com o mundo, especialmente quando se abre geo-poeticamente ao mundo: “O próprio poeta não nem a fonte exclusiva nem o mestre: é apenas o mediador ou o vínculo” (COLLOT, 2013, p. 90). Em aproximação ao que considera Collot (2013) sobre a geo-poetizar o mundo em um processo de significação inerente há as considerações de Levinas (2018, p. 89) sobre a mesma condição do Dasein heideggeriano, que também podemos aproximar da facticidade cotidiana no filme Paterson, quando o autor diz:

A palavra é sempre, de fato, uma retoma do que foi um simples sinal lançado por ela, promessa sempre renovada de esclarecer o que foi o obscuro na palavra. Ter um sentido é situar-se em relação a um absoluto, isto é, vir da alteridade que não se assimila na sua percepção.

A topologia do ser, ou ontologia do espaço como metafísica da (in) finitude da existência une, ao mesmo tempo, portanto a linguagem, espacialidade e temporalidade do devir existencial e a condição especial do Dasein como o ser situado como abertura-clausura da fundação e fundamento do mundo em seu sentido ao ser-aí que o habita: “A vinculação entre lugar e linguagem – ou entre topos e logos – é inerente à própria palavra ‘topologia’, mas tomar aqui espaço e lugar como sinônimos seria incorrer num grave engano” (PÁDUA, 2005, p. 3). Em cada mínimo recorte do cotidiano e facticidade reside uma significação possível à existencialidade do ser-aí: “[...] a temática dos bastidores é a do território da possibilidade onde busco os intérpretes e os assuntos que pretendo para as alegorias em torno da minha existencialidade” (COUTINHO, 1987, p. XVI).

Em Paterson cada ente, empírico ou abstrato, material ou imaterial é uma ponte e passagem para o colocar-se em estado de suspeição e suspensão do estar-no-mundo de forma diferencial e diferenciada, como Dasein, os elementos, objetos do cotidiano se tornam poéticos e poetizáveis pela linguagem. Uma paisagem, palavra, sensação, percepção ou breve recordação são impulsos que geram intencional e atencionalmente a expressão emanativa do geopoeta que reside no motorista Paterson que, vez ou outra, expressa literal e literariamente tal condição em suas anotações geo-poéticas como mediação da imagem, discurso, memória e imaginação como ser-no-mundo:

Na poesia coexistem as sombras da matriz e o discurso feito de temporalidade e mediação. O discurso acha meios de trazer a

matriz à tona, de explorar as suas entranhas, de comunicá-la. Os meios (no caso, procedimentos) visam a compensar a perda do imediato, perda fatal do ato de falar. A pergunta fundamental é: como a série temporal do discurso persegue o imediato, o simultâneo, o “finito” da imagem? Como se comporta o tempo à procura da matriz atemporal? Por hipótese, a resposta seria: O discurso tende a recuperar a figura mediante um jogo alternado de idas e voltas; séries de re(o)corrências (BOSI, 2000, p. 32).

Para irmos ainda mais profundamente na conexão e correlação entre linguagem, espacialidade e o Dasein podemos observar a maneira como Heidegger (2015, p. 49, destaques no original) estabelece tais laços, especificamente quando afirma que:

A linguagem e arte fundam o mundo pelo ser do ente que habita a mundaneidade de forma diferencial e diferenciada: o Dasein: “A linguagem – **o falado do ser falado** – e aqui aparentemente de novo o mais real: a **verbalização** e a **escrita**.”

O dizer, pensar e habitar significam e fundam o próprio mundo pelo Dasein: “Em que, então, por vez primeira, enquanto verdadeiro suporte, adere por assim dizer o significado” (HEIDEGGER, 2015, p. 49).

Em última instância dirá o filósofo alemão que: “**A palavra não só funda ‘mundo’, mas é do Ser e guarda silente a clareira do Da**” (HEIDEGGER, 2015, p. 51, destaques no original). A linguagem, pelo Dasein, tanto guarda como des-vela o Ser pelos entes e a facticidade mundana, seja pela vivência e experiências do Dasein como o cotidiano do devir existencial como ser-no-mundo. Paterson quando escreve seus versos se abre e fecha, como Dasein, no exercício contemplativo-reflexivo-analítico do des-velamento do ser por meio da sua atenção e intenção com e para o mundo que habita. Nesse processo geopoético, ao modo como desenvolve Collot (2011) e Cauquelin (2007) o jovem

motorista evidencia em seus versos as imagens-poética do mundo que perpassa e significa em sentido mútuo com a própria mundaneidade:

O que é uma imagem-no-poema? Já não é, evidentemente, um ícone do objeto que se fixou na retina; nem um fantasma produzido na hora do devaneio: é uma palavra articulada. A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem. Desse código pode-se dizer que é um sistema construído para fixar experiências de coisas, pessoas ou situações, ora *on praesentia*, ora *in absentia*. A linguagem indica os seres ou os evoca (BOSI, 2000, p. 29).

Como trabalhado por Bosi (2000) é com e pela linguagem que a palavra des-encontra o ser, pelos entes. Podemos até mesmo amplificar tal entendimento para toda forma de geo-arte, em uma quase pulsão da existência em demonstrar como fenomenicidade de cada recorte fático compõe a (in)finitude do mundo:

Palavra do Ser, mas velada, e só palavra do *Da-sein* e também esse não um re-cordar, mas o nomeado diretamente a partir de mundo e terra – (não “imagem” de um sentido), mas deslocamento **terrenal, mundante, combatente, intuindo** no ressoar – isto é, voz toante do *Da-sein* como **a-bismo da verdade do Ser** (O combatente do combate) (HEIDEGGER, 2015, p. 57, destaques no original).

Geo-poetizar o mundo como Dasein é um ato intencional simbólico, se des-velar cada ente da mundaneidade com sentidos múltiplos. A tessitura do cotidiano em meio aos entes do mundo habitado fornece, a cada momento, coisa ou pensamento, inspiração ou possibilidade de expressão, pela linguagem, nos versos escritos por Paterson, tal como trabalha Bosi (2000) sobre a conexão entre o ser e a poesia.

A facticidade ecotidianoda mundaneidade de Paterson (personagem) em Paterson (cidade/paisagem/lugar/região) formam essa inerência ôntico-ontológica do *Daseinsphaenomen*. O protagonismo da palavra e poesia como abertura do Dasein ao mundo que habita e o define também deve ser posto em evidência, sendo o Dasein tanto a morada do Ser por ser a guarida da palavra que emana o ser dos entes e, também, ser o lugar de todos lugares, **sendo**, percebendo-se, sentindo-se, pensando-se colocando o si de si em questionamento, contemplação e fruir do existente e existência-no-mundo.

A epifania do cotidiano está no ínterim do *Daseinphaenomen*, o usual e rotineiro compõem o sendo do ser-aí como ser-no-mundo, tal como cada frame da vida diária de Paterson em momentos solitários ou com sua esposa, caminhadas com o cachorro, as manhãs da semana em ciclo da vida comum etc: “[...] no objeto usual, como sabemos, a própria matéria não é objeto de interesse; e quanto mais a matéria que a fez, que a fez adequada ao seu uso, for apropriada, mais se aproxima de nada” (BLANCHOT, 2011, p. 243). Cada objeto, ente, coisa ou facticidade possui, em si, uma abertura ao des-velamento do ser passível de apreensão ou demonstração pela linguagem: “[...] em última instância, todo o objeto tornou-se imaterial, potência volátil no circuito rápido, da troca suporte dissipado da ação que é, ela própria, puro devir” (BLANCHOT, 2011, p. 243).

A arte (re)encontra o ser dos entes em sua significação com e para o Dasein em seu ser-no-mundo. O verso, a cor, a imagem, a fantasia ou sonho recobrem o imanente pelo transcendente, como sentido à consciência e corpo que os emanam, fruem e expressam: “A obra faz aparece o que desaparece no objeto. A estátua glorifica o mármore, o quadro não é feito a partir da tela e com ingredientes materiais, é a presença dessa matéria que, sem ele, permaneceria escondida de nós” (BLANCHOT, 2011, p. 243). No caso específico do verso, como uma

das formas geo-literárias e geo-poética de des-velamento do ser dos entes temos que “O poema não é feito com ideias nem com palavras, mas é aquilo a partir do qual as palavras tornam-se sua aparência e a **profundidade elementar** sobre a qual essa aparência se abre e, entretanto, se fecha de novo.” (BLANCHOT, 2011, p. 243, destaques no original).

A palavra vai ao encontro das coisas, os entes, as envolve em seu sentido, contextual, cultural, repartido e em constante transformação. O ente des-vela o ser, o evidencia em sua fenomenicidade e sentido ao mesmo tempo que o limita às fronteiras de uma definição e recorte no mundo:

O ente pode vir a ser determinado em seu ser sem que, para isso, seja necessário já dispor de um conceito explícito sobre o sentido de ser. Não fosse assim, não poderia ter havido até hoje nenhum conhecimento ontológico, cujo teor fático não pode ser negado (HEIDEGGER, 2008, p. 43).

No decurso de seu estado como *Daseinphaenomen* Paterson vai ao encontro das coisas, a facticidade, sejam objetos, pensamentos ente-outro-Dasein ou a mundaneidade inteira aberta e fechada em si mesma que o rodeia como trilha de sua caminhada ou errância existencial. A apreensão, ou tentativa de captura de tais traços por seus versos desta facticidade une, ao mesmo tempo a imagem, palavra, paisagem e existência, em um continuum geoarteliterário ao longo do filme.

A arte, neste caso em suas duas camadas, pelo próprio filme e aquele produzida pelo seu protagonista nos convida a uma contemplação, inquirição sobre o papel da própria arte em meio ao mundo fundado e habitado pela existência:

A arte, como imagem, como palavra e como ritmo, indica a proximidade ameaçadora de um exterior vago e vazio,

existência neutra, nula, sem limite, sórdida ausência, sufocante condensação onde o ser se perpetua incessantemente sob a espécie do não ser (BLANCHOT, 2011, p. 265).

Assim como trabalhado por autores como Monteiro (2002), Brandão (2013), Alves (2018), Silva (2019; 2020) e Suzuki (2017) a união entre literatura e Geografia vai ao encontro dessa abertura do vivido intencional como existência pulsante de sentidos pelo seu mundo-aoredor. Este mundo de si e entorno será a conexão entre o Dasein como ser-no-mundo, com aproximações conceituais e epistemológicas, por exemplo, com a geograficidade de Dardel (2011), no que diz respeito às singularizações do sentido da existência cronotopicamente em cada paisagem e lugar do mundo habitado, significado e transformado pelo ser-aí humano.

PERCURSOS GEOPOÉTICOS DO DASEIN EM CLAUSURA E

ABERTURA DO SI

Ao longo do filme acompanhamos Paterson em sua rotina de trabalho, família e lazer e, especialmente nos intervalos destas vivências há a escrita de seus poemas a respeito do seu cotidiano, da facticidade e mundo que o rodeia. O ser-em de Paterson vai ao encontro do mundo como ser-no-mundo da pequena cidade, tanto como clausura do seu devir existencial como abertura, de igual modo, para sua inspiração e emanação geopoética pelos seus versos, num (re)encontro como o imediato da facticidade cotidiana.

A seguir apresentam-se três destes poemas do personagem principal do filme, a partir dos quais podemos elaborar algumas análises que perpassam sua condição existencial como Dasein de abertura, ocultamento e expressão linguística do Ser como ser-no-mundo e, também, algumas sinalizações da intencionalidade geopoética de

Paterson em construções que variam de atos intencionais perceptivos, recordativos, imaginativos, avaliativos etc. compondo um verdadeiro tesserato experiencial de sua vida cotidiana como um **caminhar-com** sua condição ora questionar ora contemplar sua dádiva ou fardo como Dasein, como em no poema do personagem-título da obra chamado “The Run”:

The Run

*I go through
trillions of molecules
that move aside
to make way for me
while on both sides
trillions more
stay where they are.
The windshield wiper blade
starts to squeak.
The rain has stopped.
I stop.
On the corner
a boy
in a yellow raincoat
holding his mother's hand.*

(PATERSON, 2016).

Nestes versos o flâneur de Baudrillard é apresentado e explorado em Paterson, no no caminhar diário e vida cotidiana de seu personagem título. A excedência da facticidade pelo Dasein como condição de diferença-ontológica em seu existir é aqui destacado nos mais singelos detalhes de uma efemeridade sem fim dos aconteceres em um dia vivido-no-mundo: “O espaço geográfico é como o prolongamento de uma série de devaneios da matéria, porque a materialidade terrestre não está fechada nela mesma, na indiferença simples de uma pura

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano
 Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

facticidade” (BESSE, 2006, p. 89). Atencional e intencionalmente para o Dasein, a facticidade é: “[...] é fundamentalmente **fisionomia**, porque ela manifesta direções de sentidos numa consistência própria, em suma, porque ela excede sua pura facticidade e se apresenta irreduzivelmente carregada de qualidades” (BESSE, 2006, p. 89).

Expor imagetivamente a facticidade como elemento essencial da inspiração de Paterson é um recurso comum ao longo do filme. Além, deste aspecto meta-geo-poético (como observado em referências diretas de como personagem e cidade possuem o mesmo nome) há a retenção atencional do personagem como Dasein, para que, intencionalmente, haja no seu silêncio criativo a emanção das representações e significações do seu ser-no-mundo nas singularizações de sua existência cotidiana no ser-com-o-outro, sua esposa, em sua intencionalidade destas emoções demonstradas nos versos do poema “Love Poem”:

Love Poem

*We have plenty of matches in our house
 We keep them on hand always
 Currently our favourite brand
 Is Ohio Blue Tip
 Though we used to prefer Diamond Brand
 That was before we discovered
 Ohio Blue Tip matches
 They are excellently packaged
 Sturdy little boxes
 With dark and light blue and white labels
 With words lettered
 In the shape of a megaphone
 As if to say even louder to the world
 Here is the most beautiful match in the world
 It's one-and-a-half-inch soft pine stem
 Capped by a grainy dark purple head
 So sober and furious and stubbornly ready
 To burst into flame*

*Lighting, perhaps the cigarette of the woman you love
 For the first time
 And it was never really the same after that*

*All this will we give you
 That is what you gave me
 I become the cigarette and you the match
 Or I the match and you the cigarette
 Blazing with kisses that smoulder towards heaven*

(PATERSON, 2016).

A caixa de fósforos é posicionada como o ponto ôntico focal do personagem título da obra, de modo a representar a maneira, como pela sua linguagem poética, expressa o emanar do seu ser-aí nos detalhes e vivências do cotidiano. Que seja uma rosa, um pensamento fugidio, um objeto deixado ao canto por tempo indeterminado as coisas, sempre elas, material e imaterialmente compõem o limiar do imanente-transcendente do fenômeno existencial. O geo-poeta conecta-se à dimensão espacial de seu mundo ao redor, imanente e transcendentemente, como Dasein, o ser-aí guardador pela linguagem da abertura do ser em seu des-velar-se.

O mundo, os lugares e paisagens, vivências e experiências falarão por si em seu sentido que é, ou será, vivido, percebido e declarado pelo existir humano que habita o mundo:

Para que eu tome consciência de que se trata aqui de um projeto, de que essa paisagem é constituída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza (CAUQUELIN, p. 2007, p. 104).

Fundar o mundo em seu sentido para a existência é estabelecer o ponto de conexão de todas as fragmentações fáticas do devir

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano
 Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

existencial. A diferença ôntico-ontológica do Dasein é a condição necessária e inerente desta abertura e ultrapassagem da moldura do mundo em suas paisagens, permitindo seja a lugaridade de Relph (1976) ou a geograficidade de Dardel (2011) emergirem em toda sua potência de sentido pelos estares do ser-no-mundo:

Existe, pois, uma desmedida na medida, ou, mais exatamente, a medida só pode ser construída em um horizonte de desmedida. A moldura reclama sua extramoldura como seu elemento constitutivo, sua condição necessária. É preciso que a crença esteja anexada à proposição de totalidade que recobre o fragmento (CAUQUELIN, 2007, p. 140).

Paterson, personagem e cidade, se tornam um só. O exercício geo-arte-literário do filme se completa em incompletude do recorte apresentado por seus versos, imagens, reações e emoções. Compreender-se Dasein é estar diante da doação de sentido ou ausência deste, sensibilidade e experiência do ser-aí como ser-no-mundo e abertura à topologia da essência é a ponte entre o visível e invisível, o dito e não dito uma ponte: “O sujeito-ponte é uma presença que se manifesta em corpo, mas também em voz e pensamento (e essas três manifestações não necessariamente se harmonizam)” (BRANDÃO, 2013, p. 6). Somos o lugar onde estamos, sentimos, vivemos, imaginamos e experienciamos o mundo em seu (in)definir-se para nós e conosco: “O ser se define pelo estar, mas um estar de sustentação precária; que é liame, mas apenas à medida que resiste ao abismo, que não sucumbe ao desabamento” (BRANDÃO, 2013, p. 6).

O efêmero de uma existência se des-encontra com a efemeridade de cada detalhe ôntico-ontológico dos estares do ser-no-mundo: “A provisoriedade do ser se traduz na qualidade insustentável do seu estado, nas circunstâncias do espaço cuja forma assume” (BRANDÃO, 2013, p. 6). Tempo, memória e ou uma caixa de sapatos, a inspiração

poética está em toda parte, porque o ser está em toda parte como nos versos de “Another One”:

Another One

*When you're a child you learn there are three dimensions
 Height, width and depth
 Like a shoebox
 Then later you hear there's a fourth dimension
 Time
 Hmm
 Then some say there can be five, six, seven...*

*I knock off work
 Have a beer at the bar
 I look down at the glass and feel glad*

(PATERSON, 2016).

O inquirir do cotidiano neste poema alcança um dos pontos de maior profundidade imanente-transcendente de todo o filme. Tempo, dimensões e espacialidade do cotidiano são perpassadas pela epifania do motorista-poeta que, ao se alongar um pouco mais na reflexão, já se encontra novamente envolto de alguma atividade de sua rotina diária, e retoma, grato pelo seu existir em seu mundo, por poder contemplar a própria existência.

A facticidade como (in)finitude permite a Paterson abrir-se ao mundo com fenômeno existencial, e sua linguagem geo-poética á a demonstração desde des-velamento cotidiano: “A densidade ontológica do real deve agora ser encontrada no próprio plano da finitude. E aqui está a grande diferença entre a antiga e a nova ontologia: ser e pensar passa a pertencer definitivamente a este mundo” (BORNHEIM, 1972, p. 60). O dizer o ser (in)define o Dasein em seu inacabamento existencial ao longo do seu existir-no-mundo, a

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

guarida da linguagem no ente humano também emerge em Paterson, curiosamente, tanto na arte escrita do seu personagem título como, também, em pequenos e breves momentos artísticos da esposa do protagonista ou em algumas passagens teatrais de colegas num bar, havendo o foco da direção e roteiro na demonstração geoarteliterária dos versos de Paterson para a poesia cotidiana ao longo do filme: “[...] o homem é o único ente que diz o ser; que ele o diz, é incontestável. O que pode ser contestado e discutido, é o significado de tal dizer, porque na elucidação desse dizer o ser começa a ontologia” (BORNHEIM, 1972, p. 10).

Esta unicidade, como apresentado nos poemas anteriores é amplamente explorada pelo diretor do filme nos versos de seu protagonista. A imagem da casa e de si próprio são utilizadas nos versos de “Poem”, quando as passagens de escadas, temperaturas, sensações e percepções são dissertadas para o leitor de sua criação literária:

Poem

I'm in the house

It's nice out

Warm

Sun on cold snow

First day of spring

Or last day of winter

My legs run up the stairs

And out the door

My top half here writing

(PATERSON, 2016).

Cada ato, experiência, partilha, pensamento formam o mesmo continuum trabalhado ôntica e ontologicamente pela fenomenologia,

seja sua inclinação transcendental em Husserl ou como metafísica da (in)finitude em Heidegger, a vida será sempre intencional, para e com alguma coisa e mundaneidade em que se realiza como existência: “A consciência aqui é **vida intencional**, que contém em si muito mais coisas do que conseguimos, a cada vez, abranger em nossos pensamentos. Essa vida é tempo que palpita num presente vivo” (MALDONATO, 2001, p. 132, destaques no original). Em ambos os casos, versos dos poemas “Another One” ou, o simplesmente intitulado “Poem”, nos permitem contemplar o transbordamento da linguagem poética como geoarte aberta ao sentido do ser e do mundo pelo ser-no-mundo que Dasein, representado no filme pelo motorista que a um só tempo, alegoriza o seu próprio ser e o lugar que habita por meio do nome de ambos.

Paterson se (des)encanta com o seu mundo vivido ao longo do filme e nos partilha com seus versos as imagens poéticas que emergem do seu cotidiano e são transformadas em versos em seus blocos de notas. A extração do mistério do ser da facticidade cotidiana é-nos apresentado e representado, também de forma peculiar, no falar contínuo do silencioso Paterson por meio dos seus versos:

A produção do encantamento é outra função da imaginação, tão negligenciada no mundo moderno, Bachelard (2008b,) destaca que há uma grande diferença entre uma imagem literária que descreve uma beleza já realizada, uma beleza que encontrou sua plena forma, e uma imagem literária que trabalha o mistério da matéria e quer mais sugerir do que descrever, traça contornos do espaço afetivo no interior das coisas. Esse modo de trilhar, bachelardiano, vai pouco à pouco constituindo-se uma filosofia da imagem literária, que ajuda a desvendá-la, porque busca ver o invisível, apalpar o grão das substâncias. Valoriza extratos, tinturas, vai ao fundo das coisas, em busca de uma imagem final, do repouso de imaginar. O modo como a filosofia da imaginação em Bachelard (2003; 2008 b) “tateia” o mundo através da literatura e traz para nós modos de se relacionar com a imaginação, fenomenologicamente diluída no processo de apreensão, a não separação sujeito e objeto (SILVA, 2019, p. 6).

Acompanhamos com Paterson o seu **tatear** o seu mundo, como experiência da singularização dos sentidos, ou ausência destes, em cada momento da vida diária do motorista poeta do filme. Pensando-se novamente na topologia do ser ou ontologia do espaço pelos arcabouços teóricos e metodológicos da ontologia fenomenológica, Geografia e Literatura há uma riqueza analítica em Paterson. Como reflete Besse (2006) o esforço epistemológico de uma aproximação entre fenomenologia, arte e ciência geográfica é contínuo e desafiador. A projeção dos sentidos da existência no mundo é a via pela qual este desenvolvimento é um contínuo desafio se faz possível, especialmente por meio de exercício de aplicabilidade metodológica da ontologia fenomenológica:

É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está a procura de significações ocultas por **de trás** dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o **meio** do sentido (BESSE, 2006, p. 89, destaques no original).

Existência, arte literária, linguagem e espacialidade nos ajudam a compreender e estabelecer imersões e dialogias possíveis em Paterson. A diversidade dos estudos geoarteliterários corroboram para o exercício apresentado, teórica e metodologicamente, havendo ainda tanto uma diversidade como diferentes possibilidades de análise do filme por seus versos e imagens (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2013; SUZUKI; COSTA; STEFANI, 2016; SUZUKI; LIMA; CHAVEIRO,

2016; SUZUKI; SILVA, 2016a; SUZUKI; SILVA, 2016b; SUZUKI; SILVA; FERRAZ, 2016; SUZUKI, 2017).

O desafio de aplicabilidade tanto teórica como metodológica entre fenomenologia, arte e linguagem com as categorias geográficas continua, em diversidade e aberturas geoarteliterárias, de criação, representação, interpretação e análise. Talvez apresenta-se diante dos filósofos da fenomenologia, artistas e geógrafos um intrigante claviculário epistemológico para o desenvolvimento de um olhar ôntico-ontológico do mundo. Questionar-se e saber Dasein pode representar um primeiro passo de (in)compreensão de si, como o faz o poeta-motorista-ser-aí Paterson equilibrando-se no limiar do velado e desvelado de seus estares como ser-no-mundo no “rescate ontológico de lo sumido en ‘la objetividad’; rescate, en fin, de una experiencia fragmentada”² (GIANNINI, 1999, p. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo foram propostas algumas aproximações, diálogo e incursões analíticas envolvendo a ontologia fenomenológica, especialmente heideggeriana, a Geografia e a linguagem pela arte literária, neste último caso, de forma metapoética na narrativa e imagens do filme Paterson. Inicialmente é preciso se reafirmar tanto o compromisso por um desafio teórico e metodológico como, também a perspectiva de se convidar os leitores a desmembrar alinhamentos e distanciamentos dentro da própria fenomenologia.

O *Daseinsphaenomen* de Heidegger conflui em si a existência em seu ser-aí como estares do ser-no-mundo e a abertura do devir existencial ao transcendente da mundaneidade por meio da linguagem, arte

² Tradução livre de: “rescate ontológico de lo sumido en ‘la objetividad’; rescate, en fin, de una experiencia fragmentada”.

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

e palavra. Por meio do filme Paterson podemos colocar em plano de correspondência teórica algumas das sustentações conceituais e categoriais da ontologia fenomenológica, desde o próprio Dasein heideggeriano até a consciência em sua abertura transcendental de Husserl, passando pela expressão da experiência do existir como ponte da (in)finitude de sua condição ontológica especial com e para o mundo.

Esta abertura do ser-aí ao mundo como ocorre com o personagem título do filme Paterson nos permite alinhar, de igual modo, considerações e postulados geoliterários e geográficos elaborados a partir da fenomenologia como as ideias de lugaridade, geograficidade e individualização dos estares do ser no mundo por meio da facticidade cotidiana em cada detalhe, ocasião e experiência intencional do Dasein.

Pelos versos de Paterson a partir de sua vida e existência na cidade Paterson encontram-se elementos discursivos, imagéticos, artísticos, criativos, perceptivos e imaginários diversificados sobre o personagem Paterson como *Daseinsphaenomen*. Especialmente em relação aos versos inspirados a partir da facticidade cotidiana toca-se a silhueta do ser em sua topologia do ser-aí que o des-vela em sua habitação, tal como assistimos ao longo dos 118 minutos do filme. ☉

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo. **Geograficidade**, v. 10, p. 38-47, 2020.
- ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia? **Revista Geografia, Literatura e Arte**, v. 1, n. 2, p. 20-34, 2018.
- ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. A Espacialidade do Ser em sua Escrita e Leitura. **Saberes**, Natal, v. 1, p. 111-143, 2015.
- ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, São Paulo, v. 2, p. 173-200, 2020.
- ASTRADA, Carlos. **El juego metafísico**: para una filosofía de la finitud. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1942.
- ASTRADA, Carlos. **Ser, Humanismo, "Existencialismo" (una aproximación a Heidegger)**. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 1949.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e Finitude**. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUTTNER, Anne; SEAMON, David (eds.). **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.
- CANÁRIO, Lilian Pereira. **O Lugar do Espaço em Ser e Tempo**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2005.
- CASEY, Edward. **The fate of place**: a philosophical history. Los Angeles; London: University of California; Press Berkeley, 1997.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire. **Fabula-LhT**, n. 8, n.p., mai. 2011.

Daseinsphaenomen in Paterson: existência e os estares do ser no cotidiano

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Trad. Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COUTINHO, Evaldo. **A Artisticidade do Ser**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRANCK, Didier. **Heidegger e o problema do espaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

GIANNINI, Humberto. **La "reflexión" cotidiana**. Hacia una arqueología de la experiencia. Santiago de Chile: Universitaria, 1999.

GMEINER, Conceição Neves. **A Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger**. Santos: Leopoldianum, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 3ed. Trad. Marcia S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini; Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: Hermenêutica da facticidade**. Trad. Renato Kichner. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem**. Trad. Enio P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, v. 35, p. 241-251, 2010.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

HUSSERL, Edmund. **A ideia de fenomenologia: cinco lições**. Trad. Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.

LAGANÁ, Liliana. Da Geografia à Literatura: um percurso de vida. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, v. 1, n. 1, p. 5-21, 2018.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade**. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2018.

MALPAS, Jeff. **Heidegger's topology: being, place, world**. Cambridge; Massachussts; London: MIT Press, 2008.

MALPAS, Jeff. **Heidegger and the Thinking of Place Explorations in the Topology of Being**. Cambridge; Massachussts; London: MIT Press, 2012.

MALDONATO, Mauro. **A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação**. Trad. Luciano Loprete; Roberta Berni. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.

MARANDOLA JR. Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-69, 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (Org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. 1ed. Londrina: EDUEL, 2013.

MIRANDA, Marielly de Sousa; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Caminhos para a abordagem do sujeito cerradeiro: a proposta da cartografia existencial. **Building the Way**, v. 8, p. 107-114, 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama – ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de lugar e de topofilia. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 91-93, 2013.

PADGETT, Ron. **Poemas Escolhidos**. Seleção, tradução e introdução por Rosalina Marshall. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

PÁDUA, Lúcia Teresa Saramago. **A "Topologia do ser"**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PATERSON. Direção de Jim Jarmusch. Amazon Studios, 2016. 118 minutos.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

SERPA, Angelo. Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem: Notas sobre um exercício prático de redução fenomenológica. **Geograficidade**, v. 6, p. 19-30, 2016.

SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e Geografia. **Orientação**, São Paulo, v. 7, p. 53-56, dez. 1986.

SILVA, Armando Corrêa da. A Aparência, o Ser e a Forma-Geografia e Método. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.7-25, 2000.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Geografia, Literatura e Imaginário: um saber para sensibilidade. **Vida de Ensino**, v. 4, p. 18, 2019.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Espaço e literatura na paisagem cultural: Referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX. **Revista da Anpege**, v. 16, p. 360-376, 2020.

STEIN, Ernildo. **Compreensão e finitude**. Ijuí: Unijuí, 2001.

STEIN, Ernildo. **Às voltas com a Metafísica e a Fenomenologia**. Ijuí: Unijuí, 2014.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017.

SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI, Eduardo Baider (Org.). **Espaço, sujeito e existência**: diálogos geográficos das artes. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). **Geografia, Literatura e Arte**: epistemologia, crítica e interlocuções. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Adriana Carvalho (Org.). **Estética, poética e narrativa**: entre fluidez e permanência nas artes. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016a.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Org.). **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016b.

SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da; FERRAZ, Cláudio Benito O. (Org.). **Educação, Arte e Geografias**: Linguagens em (in) tens(ç)ões. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Submetido em setembro de 2021.

Revisado em abril de 2022.

Aceito em junho de 2022.